

O estudo das representações sociais no Brasil (The study of the social representations in Brazil)

Celso Pereira de Sá

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Angela Arruda

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Resumo

O presente trabalho pretende constituir numa contribuição à história da psicologia social brasileira, através da sistematização de algumas memórias e registros acerca da trajetória da teoria das representações sociais no Brasil de 1982 a 1997. A primeira parte do texto descreve os passos iniciais dessa trajetória (1982 a 1987) e avalia o seu significado face ao contexto acadêmico de então no que se refere ao ensino e à pesquisa da psicologia social. A segunda parte apresenta o quadro da produção brasileira no campo das representações sociais

Abstract

The present paper is conceived as a contribution to the history of the Brazilian social psychology, through the systematization of some memories and records of the trajectory of the theory of social representations in Brazil from 1982 to 1997. The first part of the text describes the initial passes of this trajectory (1982 to 1987) and evaluates their significance within the academic context when dealing with the teaching and research of social psychology. The second part presents the Brazilian production in the field of social representations during the next ten

durante os dez anos seguintes (1988 a 1997), como resultado de um levantamento realizado por pesquisadores de quatorze universidades em todo o país. A evolução dessa produção é acompanhada ano a ano, segundo cinco modalidades – livros, capítulos de livros, artigos, comunicações em eventos, teses e dissertações – e diferentes áreas de conhecimento. Apresenta-se ainda uma breve análise comparativa do seu conteúdo substantivo no período global considerado.

years (1988 to 1997), resulting from an inquiry undertaken by researchers of fourteen universities distributed over the whole country. The evolution of this production is accompanied year after year, in different fields of knowledge, within five categories - books, chapters of books, articles, communications at events, theses and dissertations. There also is presented a brief comparative analysis of its substantive content during the whole period.

Palavras-chave: representações sociais, história da psicologia social.

Keywords: social representations, history of social psychology.

1. Introdução

A teoria das representações sociais já tem quase quarenta anos de existência, o que MOSCOVICI credita ao fato de nela estar contida uma verdade profunda acerca da natureza das sociedades contemporâneas. E, durante quase metade desse tempo, ela tem se feito presente, em intensidade crescente, na psicologia social brasileira. Este trabalho pretende constituir uma modesta contribuição à história dessa psicologia social, ao buscar sistematizar e fixar, antes que se desvançam, algumas memórias e registros significativos acerca da trajetória da teoria das representações sociais no nosso país.

A primeira iniciativa nesse sentido, que correspondeu a um levantamento muito incipiente da produção acadêmica, mas foi enriquecido pelos testemunhos de Denise Jodelet quanto às suas primeiras visitas à América Latina e ao Brasil, ocorreu no *Encontro Nacional sobre Representação Social e Interdisciplinaridade*, realizado em 1997, em João Pessoa. No mesmo ano, durante o *IX Encontro Nacional da Associação*

Brasileira de Psicologia Social, em Belo Horizonte, um número de estudiosos das representações sociais, de diversas regiões do país, dispôs-se a unir esforços para a realização de um levantamento mais sistemático da produção brasileira dos últimos dez anos, nesse campo. Resultados parciais dessa pesquisa, acrescidos de uma primeira análise de seu significado em diferentes campos de estudo e regiões geográficas, foram apresentados na *IV Conferência Internacional sobre Representações Sociais*, em agosto de 1998, no México. Finalmente, em novembro do mesmo ano, na *Jornada Internacional sobre Representações Sociais: Teoria e Campos de Aplicação*, realizada em Natal, foi possível apresentar um quadro mais completo, conquanto ainda apenas descritivo, da trajetória de dezesseis anos da teoria das representações sociais no Brasil, em que o levantamento concluído da produção publicada entre 1988 e 1997¹ foi precedido pela recuperação de uma memória oral que cobria o período de 1982 a 1987.

Neste momento, em que planeja-se, para o ano 2001, a realização de uma *II Jornada Internacional sobre Representações Sociais* em Florianópolis, um dos cenários em que se desenrolou a trajetória dos seis anos iniciais da presença da teoria na psicologia social brasileira, parece oportuna a publicação do que se pôde reunir até o momento. Espera-se que tal publicação possa ter o efeito de induzir uma nova união de esforços para o levantamento da produção durante os anos de 1998 – cuja efervescência aqui vai-se registrar de modo apenas impressionista –, de 1999 e de 2000, como uma forma de se dar conta dos vinte anos da participação brasileira no desenvolvimento desse campo de estudos, que serão completados em 2001. Além disso, poder-se-á talvez, por ocasião daquela “Jornada de Florianópolis”, fazer incidir sobre tal participação

¹ A coleta dos dados foi realizada sob a responsabilidade dos seguintes Professores: Alda Judith Alves-Mazzotti (UFRJ), Angela Arruda (UFRJ), Ângela Maria de O. Almeida (UnB), Antônia Silva Paredes Moreira (UFPB), Celso Pereira de Sá (UERJ), Clélia Maria Nascimento-Schülze (UFSC), Denize Cristina de Oliveira (USP), Eugenia Paredes (UFMT), Helerina A. Novo (UFES), Isabel Antunes (UFMG), Luiz Fernando R. Tura (UFRJ), Margot Campos Madeira (UFRN), Maria de Fátima S. Santos (UFPE), Marilena Jamur (PUC-RJ), Pedrinho Guareschi (PUC/RS), Pedro Humberto F. Campos (UCG), Zeidi Araújo Trindade (UFES). O tratamento dos dados foi realizado por uma equipe do PRODEMAN – Coordenadoria de Pesquisa de Demandas Sociais, da UERJ, sob a coordenação de Renato César Möller e constituída por Fernando Cesar C. Bezerra, Claudia Rabello de Castro, Cândida Maria B. C. A. Rodrigues, Adriano da Silva Simões, Luiz Cláudio N. Jacobson.

uma criteriosa análise crítica – até agora postergada –, de modo a prover uma avaliação do grau de maturidade acadêmica que tenha-se logrado alcançar ao longo dessa trajetória.

2. A trajetória inicial das representações sociais no Brasil, de 1982 a 1987: começando pelas margens

Abordaremos aqui a chegada e os primeiros passos da teoria das representações sociais (TRS) entre nós, no intuito de registrar esta memória, a ser enriquecida por todos aqueles que viveram aquela experiência e que possam complementar esta primeira tentativa.

Podemos supor que a via de chegada da TRS seja a mesma no Brasil que em outros países latino-americanos: a volta de profissionais que tinham ido aperfeiçoar-se ou buscar respostas na Europa. Na verdade, é em parte graças à Venezuela que o Brasil recebe Denise JODELET em 1982. Por que? Para entendê-lo é preciso lembrar que os cursos de MOSCOVICI e JODELET na Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais (EHESS) exerciam uma certa atração sobre os latino-americanos que estudavam psicologia e ciências humanas em Paris, nos anos 70, devido à discussão e à teorização que proporcionavam. Lá se debatia a resistência à repressão, fato então presente em muitos de nossos países; analisavam-se as massas em movimento, as minorias ativas, o meio ambiente, o corpo, a doença mental e, também, a relação entre estes fenômenos e a difusão de idéias, sempre dentro de uma perspectiva psicossocial. A efervescência daqueles anos (nos quais eclodiam sob nossos olhos os movimentos feminista e ecologista), os debates teórico-metodológicos, a vida em Paris teceram laços de afinidade e afeto entre os participantes dos seminários e deles com seus professores. A TRS despontava como uma resposta possível para problemas que nos angustiavam, presentes nas vidas dos conterrâneos e na prática profissional, em nossos países de origem.

Foi assim que Maria Auxiliadora Banchs, uma das primeiras doutoras latino-americanas a formar-se sob a orientação de Serge Moscovici,² em 1979 defende sua tese e retorna à Venezuela. Poucos anos mais tarde ela convida Denise Jodelet, facilitando desta forma sua visita ao Brasil: em 1982 Denise vai à Caracas e ruma para o Nordeste, mais

² Formada pelo Laboratório de Psicologia Social retorna a seu país de origem, porém não reintegra o campo de trabalho das ciências, não mantendo vínculos com o trabalho de representações sociais

precisamente para Campina Grande, onde fora convidada a dar um curso sobre Metodologia das Representações Sociais e assessorar a montagem de um projeto sobre a Representação Social da Saúde Mental e Somática, do Núcleo de Ciência e Tecnologia da UFPB. Em seguida iria para João Pessoa, a convite da Pós-graduação em Educação da mesma universidade.³

As ex-alunas do Laboratório de Psicologia Social da EHESS, algumas pessoas que haviam tomado contato com a teoria durante sua pós-graduação em outros centros europeus, e outras, que não haviam saído do país, sequiosas de respostas para sua problemática profissional e/ou acadêmica, ou seduzidas durante a viagem de Denise, funcionavam naquele momento como sentinelas avançadas da TRS, difundindo-a, aplicando-a e discutindo-a como vozes solitárias. Seriam necessários dez anos para que ela alcançasse maior visibilidade, o que pode-se observar no gráfico Evolução da Produção em Representações Sociais. Muitas destas pessoas não se conheciam entre si e levariam anos até se encontrarem. Como na Europa, onde houve um período de latência entre o surgimento de *La Psychanalyse, son image et son public*, em 1961, e o sucesso da TRS a partir dos anos 80, aqui isto também acontece. Evidentemente, esse período é menor e se explica pelas condições de difusão da TRS no contexto brasileiro.

Antes de prosseguir, caberia ressaltar que a intenção desta descrição tão factual e impressionista da chegada da TRS ao Brasil é incorporar a este registro a idéia de que a TRS faz-se através das pessoas, sua motivação, sua convicção e seu desejo de trabalhar com uma perspectiva teórica determinada, sua afinidade com outras que trabalham no mesmo campo. Como nos diz Bruno Latour (1994), a ciência não é fria nem desencantada como quer se fazer crer. Ela está envolvida por relações de interesses e afetos. No caso da TRS, a identificação da sua adequação a nossas questões profissionais e aos laços afetivos entre as pessoas foram parte dessas relações. Mencioná-lo, entendemos, corresponde à proposta de uma teoria que, contrariando a divisão indivíduo/coletivo, subjetivo/objetivo, e o fetiche do método, se quer “elástica e complexa”, segundo MOSCOVICI (1994:13), para escapar à rigidez de uma certa tradição da psicologia social e absorver a diversidade

³ Angela Arruda é informada, em Campina Grande, por Maria Auxiliadora Banchs da vinda de Denise à Venezuela, acionando a sua vinda ao Brasil pelo Núcleo citado, da UFPB. Albene Bezerra, aluna do Laboratório, Margot e Vicente Madeira, professores da pós-graduação em Educação, a levarão a João Pessoa.

de fenômenos a explicar e problemas a resolver. Desta maneira, recuperamos, juntamente com o interesse teórico-metodológico de um instrumento de saber, o lugar dos sentimentos e das relações humanas na construção do conhecimento. O campo das representações sociais representa, para muitos de nós, não só um espaço de indagação, reflexão, embate e produção científica mas também de encontro, de troca e solidariedade.

Em seguida, propomos algumas reflexões sobre este período de latência e o desenvolvimento que a TRS tem atualmente no Brasil. Trata-se de hipóteses explicativas ainda incertas, postas para o debate, sem pretensão de conter uma resposta final.

As primeiras pessoas que voltam ao Brasil havendo tomado contato com a TRS na Europa, tendo ou não sido alunas do Laboratório de Psicologia Social da EHESS, vão para regiões periféricas do país. O Nordeste, o Sul, o Centro-Oeste não se constituem em espaços privilegiados da produção científica nacional, embora encontrem-se aí boas universidades públicas. Denise Jodelet desembarca na Paraíba e é convidada por Silvia Lane para participar de uma atividade da ABRAPSO na SBPC, em Campinas, e em seguida para discussões com estudantes da pós-graduação em Psicologia Social da PUC/SP. Entretanto, é fora dos grandes centros onde a difusão da teoria é mais presente, logo a partir de 1982. Um levantamento feito em 1986 aponta as representações entre os temas mais freqüentes da produção regional nordestina em psicologia social, embora não necessariamente no enfoque da TRS (ARRUDA, 1987). Desta forma, o isolamento das regiões, do ponto de vista cultural, a extensão do país, as dificuldades de comunicação (ainda não havíamos chegado à era da Internet) e da difusão científica sem dúvida constituíram obstáculos para a obtenção rápida de visibilidade no país.

Seria contudo ingênuo atribuir apenas a condições geográficas e materiais da difusão da ciência aquele período de latência. Também o contexto da produção brasileira deve ser considerado. A psicologia brasileira, como tantas outras, vivia sua crise e setores da psicologia social declaravam independência com relação à importação de modelos e objetos ao final dos anos 70. Depois de um período em que uma exígua vertente da área marcara presença entre as grandes correntes de estudo da problemática nacional até os anos 50-60, oferecendo contribuições fundamentais ao chamado Pensamento Brasileiro, como as de Manoel Bonfim (1993, 1997) primeiramente, e de Dante Moreira Leite (1969),

mais recentemente, a psicologia social brasileira abandonara a reflexão sobre os grandes temas nacionais, a arena das trocas disciplinares e, durante o governo militar que se instalara em 1964, sob a influência da produção americana, abraçara a perspectiva experimental como regime de verdade da ciência. Os cursos de formação de psicólogos sofrem então modificações em sua filosofia. Os laboratórios de psicologia experimental são menos disseminados do que seria desejável, mas o vislumbre de uma psicologia orientada pelos pressupostos da ciência positiva exercia grande fascínio devido ao seu caráter prático e produtor de resultados, em meio a um ensino freqüentemente demasiado teórico e nem sempre muito objetivo. Uma perspectiva científica específica passa a inspirar uma parte da formação e da pesquisa psicológicas no Brasil, ditando as regras do fazer ciência em psicologia.

Convivem então a psicologia de modelo americano e a insatisfação de muitos psicólogos com suas propostas, distanciadas dos problemas que os preocupavam. Uma das formas de resposta a esta crise apóia-se na teoria marxista e na busca de objetos pregnantes da nossa realidade, de forma a encontrar explicações para nossos próprios problemas. Ela vai orientar uma psicologia comunitária voltada para os interesses populares, em busca de raízes próprias, diversas das de sua homônima americana (LANE, 1981).

Temos então um campo dividido entre a presença do paradigma dominante da psicologia, o mesmo que na Europa tornara-se um obstáculo epistemológico ao florescer da TRS, nos anos 60-70, e uma resposta marxista – minoritária, mas bastante presente nos anos 70 – que, talvez aqui menos do que na Europa, constituiu outro obstáculo epistemológico, como identifica JODELET (1989). Efetivamente, as primeiras objeções que encontrávamos ao expor as representações sociais era que não passavam de atitudes com outro nome, ou então de que tinham um viés idealista, não se situando no campo do materialismo dialético. O novo, como sabemos todos, tem que ser “ancorado” no que já existe.

A perspectiva althusseriana, que propõe a autonomia da esfera das idéias, abre uma brecha em um dos obstáculos mencionados; ao mesmo tempo, pode-se observar que a academia, ao reabilitar a ordem simbólica (SPINK, 1993), facilita a abertura para perspectivas como a TRS. O interesse pelo simbólico, conjugado com aquele pelos problemas imediatos, locais, autóctones, parecem abrir espaço para a entrada mais forte da TRS entre as possibilidades de trabalho em distintas áreas, não apenas na

psicologia. Neste quadro, a TRS parece ser identificada como uma ferramenta útil para as necessidades que se apresentavam a colegas de outras áreas, também. Com efeito, na Educação ela desperta interesse logo em sua chegada ao Brasil. Aspectos históricos – o quanto a Educação sempre esteve atenta para a produção da Psicologia; o quanto a Pedagogia representou um “espaço privilegiado para que a psicologia se desenvolvesse” no Brasil, e como ela tomou a si o encargo de “para cá trazer o que se produzia no mundo em termos de ciência psicológica, difundi-la”, é o que afirma ANTUNES (1998:117) em sua história da constituição da Psicologia no Brasil – sem dúvida não devem ser omitidos. Contudo, a reflexão de ROCHA & SILVA (1997) sobre o interesse da TRS para dirimir impasses existentes no campo, mais recentemente, tanto pode confirmar aquele velho interesse das ciências da educação quanto indicar o caráter que vínhamos apontando no início deste artigo, da pertinência desta teoria para a compreensão das sociedades contemporâneas, e conseqüente aprofundamento da reflexão sobre seus problemas.

Pesquisas sobre o ensino da Psicologia social no Brasil nos anos 80 observam uma grande dispersão em termos do que pode ou deve ser ministrado (OZELLA, 1986). O mesmo verifica-se na pesquisa de ARRUDA (op. cit.) sobre a produção encontrada em revistas, eventos científicos e programas de pós-graduação no Nordeste. Esta dispersão, que ia dos temas e enfoques clássicos até as últimas proposições surgidas na época, talvez indicasse a transição paradigmática que estava processando-se. Coincidentemente, correspondia ao momento de saída do regime autoritário e à oxigenação da área com novas perspectivas que agora já podiam se expor abertamente. Seja como for, este parece ser um momento de ampliação de horizontes dentro da psicologia social brasileira, o que o torna propício para os estudos de representações sociais.

Evidentemente, a periferia não constitui a totalidade da construção do campo das representações sociais no Brasil, mas é por onde elas penetram em nosso território, num longo e fino caminho, fruto do trabalho de formiga das/os primeiras/os adeptas/os da teoria. Isto não parece contraditório com o próprio caráter da teoria, que vem a contradizer os cânones da disciplina na época, produto de uma minoria ativa no interior da Psicologia Social européia. Estas divagações permanecem à espera do testemunho dos/as colegas que encontravam-se em outras periferias e nos grandes centros para prosseguir no registro da memória. Na verdade, é a partir destes últimos espaços que a teoria ganha visibilidade, ao entrar

nos programas de pós-graduação e difundir-se nos grandes eventos científicos da área. A tal ponto que em 1992 já se formula a pergunta: seriam as representações sociais um “modismo”? (SÁ, 1992). Com efeito, temos em 1992 e 1994 dois eventos significativos. O primeiro, o *VI Encontro Nacional de Psicologia Social* da Associação Brasileira de Psicologia Social (ABRAPSO), no Rio de Janeiro, que deu seguimento às reuniões do grupo de trabalho sobre Representações Sociais inaugurado no V Encontro, realizado na Paraíba. O segundo foi a *II Conferência Internacional sobre Representações Sociais*, também realizado no Rio de Janeiro. Ambos vieram a consolidar e ampliar aquele trabalho silencioso que desenvolvia-se em muitos lugares desde 1982. Significaram uma grande visibilização para a TRS e parecem confirmar a suposição anterior sobre a importância da localização geográfico-cultural das propostas científicas para que se tornassem conhecidas e legitimadas num país das dimensões do Brasil antes da era eletrônica. Eles fecham a etapa de difusão, antecessora da de consolidação do campo, que será apresentada a seguir.

3. A produção brasileira em representações sociais - 1988/1997

A fase de consolidação do campo, das representações sociais no Brasil, pode ser apreciada em função da evolução da produção devidamente documentada, considerando que esta já mostra uma substancialidade capaz de tornar significativas as comparações temporais e outras. O levantamento da produção brasileira durante o período de 1988 a 1997 reuniu 867 trabalhos, distribuídos entre as seguintes modalidades de produção: livros, capítulos de livros, artigos em periódicos científicos, comunicações (completas ou resumos) em eventos científicos, teses e dissertações.

O gráfico a seguir, que mostra essa distribuição, permite identificar três interessantes características globais da produção no período. Em primeiro lugar, observa-se um certo imediatismo, representado pelo fato de que mais da metade da produção foi veiculada através da comunicação em eventos. Este número é mais de sete vezes maior que o da veiculação através de artigos em periódicos, podendo-se assim concluir que a grande maioria dos resultados de pesquisas, análises e reflexões comunicadas oralmente não tenha chegado a se consolidar em uma versão escrita capaz de merecer publicação. Em segundo lugar, ainda em detrimento do registro da produção em revistas especializadas, verifica-

se, em termos relativos, uma preferência pela difusão do conhecimento produzido através de livros e de capítulos de livros. Em terceiro lugar, o fato de que uma terça parte de toda a produção corresponda a teses de doutorado e dissertações de mestrado o que aponta para a ocorrência de um acelerado processo de multiplicação da competência acadêmica estabelecida no campo das representações sociais.



A evolução da produção ao longo do período de dez anos, mostrada no segundo gráfico, evidencia um crescimento constante, que acentua-se significativamente a partir de 1992, apresentando um notável pico em 1994 e disparando nitidamente em 1997, último ano examinado. Esses três marcos podem, talvez, receber uma interpretação, admitidamente livre, como a que se segue. O ano de 1992 testemunha uma “explosão” do interesse pela teoria das representações sociais em todo o mundo, mercê de um esforço mais assumido – algo como um “marketing acadêmico” – de difusão do novo *corpus* de conhecimento psicossocial, que, em termos internacionais, coincide sintomaticamente com a realização – na Itália, país que já acolhera entusiasticamente a teoria – da *I Conferência Internacional sobre Representações Sociais*, promovida pelo austríaco W. Wagner, que contribuía assim para um segundo (o britânico Rob Farr ensinara o primeiro) rompimento “de fora para dentro” das fronteiras

latino-europeias das representações sociais. O ano de 1994 marca institucionalmente (em que pesem as iniciativas individuais anteriores em alguns outros países) a expansão das fronteiras internacionais do campo na América Latina, através da *II Conferência Internacional sobre Representações Sociais*, realizada no Rio de Janeiro. Finalmente, talvez o esforço produtivo desencadeado por esse evento tenha provocado a recessão quantitativa – uma “ressaca acadêmica”, por assim dizer – observada nos dois anos seguintes, do mesmo modo que talvez a espantosa recuperação de 1997 marque o atingimento de um patamar significativo de renovação temática, teórica e metodológica da psicologia social brasileira. Para que se possa confirmar esta conclusão tentativa é forçosamente necessário esperar pelo levantamento da produção brasileira até o ano 2000.

Gráfico 2



Os três gráficos que se seguem mostram a evolução da produção segundo as modalidades de comunicação em eventos, de artigos em periódicos e de teses e dissertações. Observa-se aí de modo nítido que os picos de produção anteriormente assinalados – 1992, 1994 e 1997 – correspondem basicamente à comunicação em eventos científicos. A pu-

blicação de artigos e a conclusão de teses e dissertações apresentam um crescimento mais regular, com menos quedas bruscas em 1992 e em 1997, no caso dos primeiros, e uma certa estabilização nos últimos três anos, no caso das segundas. Parece evidente que o esforço envolvido na participação em congressos compete com aquele orientado para a publicação em revistas, em detrimento desta última modalidade de produção. Isto é provavelmente característico do engajamento inicial dos estudiosos com um novo campo de pesquisa e reflexão. Resultados, frequentemente parciais, de projetos de longa ou média duração, assim como “insights” de articulação teórica e/ou de apropriação para análise de uma dada temática, exigem uma veiculação mais imediata – via de regra, oral – do que aquela possível através das revistas. Obviamente, acrescenta-se a isso o fato de que a produção em um novo campo de estudos nem sempre encontra um escoamento fácil através dos periódicos científicos, que muitas vezes já têm uma orientação teórica e metodológica estabelecida. A evolução da produção de teses e dissertações, por seu turno, aponta para a ocorrência de um processo consistente de ampliação e renovação do quadro de pesquisadores brasileiros nesse campo.

Gráfico 3

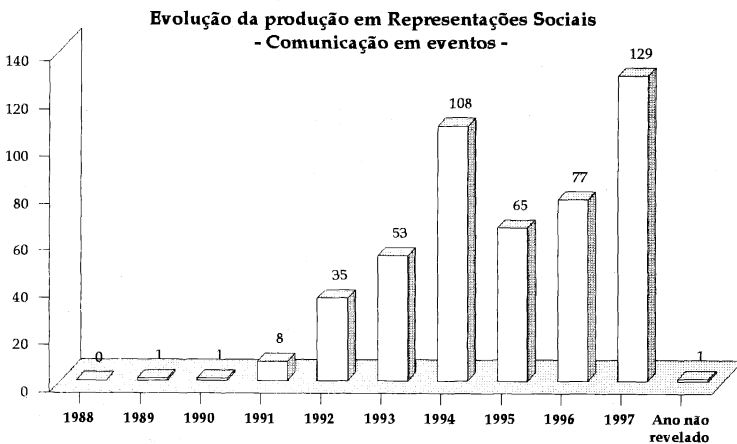


Gráfico 4
Evolução da produção em Representações Sociais
- Teses e dissertações -

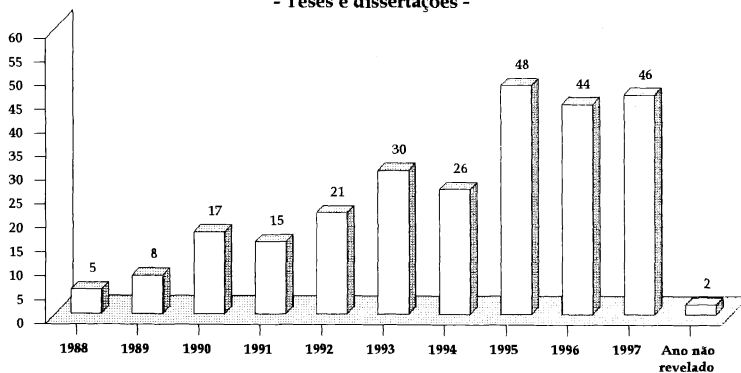
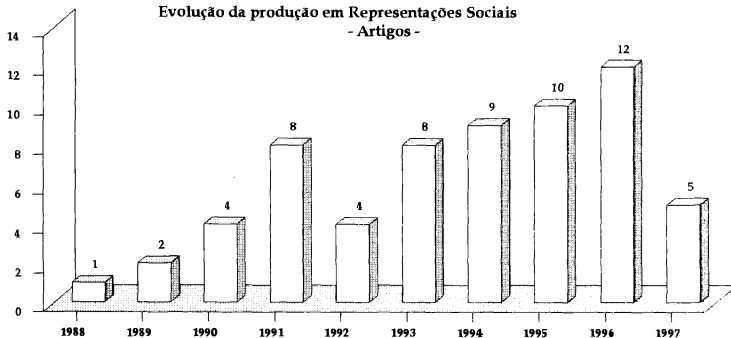


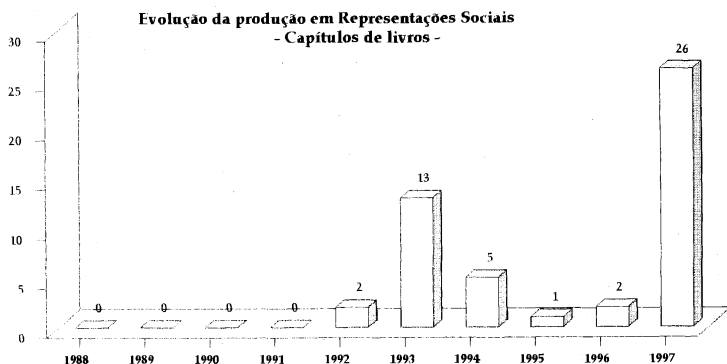
Gráfico 5
Evolução da produção em Representações Sociais
- Artigos -

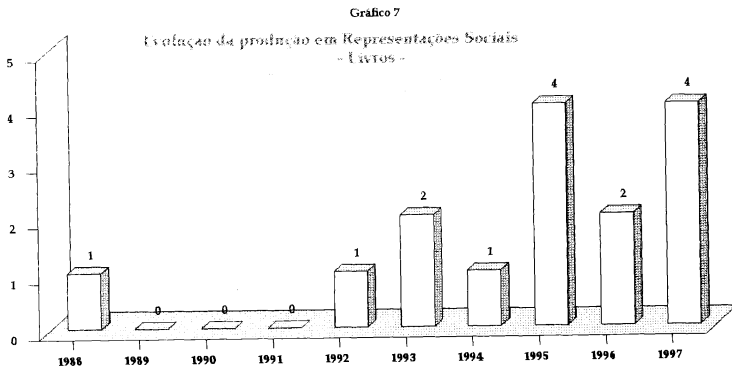


Nessas condições, como pode-se inferir nos dois gráficos que se seguem, os livros e, em especial, as coletâneas de trabalhos tendem a mostrar-se mais atraentes para os autores brasileiros das representações sociais. Particularmente, a queda da publicação de artigos em 1997 corresponde a um significativo aumento do número de capítulos de livros. Além de proporcionarem com freqüência um escoamento mais ágil da produção, os livros de um ou de vários autores têm desempenhado um papel importante na difusão de um conhecimento específico, pelo fato de reunirem diversas contribuições sob uma mesma orientação, por sua maior visibilidade editorial e pela amplitude e eficácia de sua distribuição. A visibilidade que ensejam ao campo de estudos pode ser capaz, por outro lado, de provocar uma maior receptividade dos trabalhos que ali se desenvolvem por parte dos periódicos especializados.

A origem da teoria das representações sociais situa-se em uma disciplina específica, a psicologia social, tendo sido gestada no âmbito de um movimento de contestação da orientação predominante nessa disciplina, com o propósito explícito de renová-la temática, teórica e metodologicamente. Mas, para além desse objetivo mais imediato, nutria também a pretensão de constituir um domínio transdisciplinar de estudo, comum a uma vasta gama de preocupações em todas as ciências humanas e sociais. Tal desígnio mais ambicioso não parece ter se cumprido até os dias de hoje, pelo menos no que refere-se explicitamente à perspectiva

Gráfico 6





proposta por MOSCOVICI, como pode-se depreender de um exame das publicações em periódicos e das comunicações em eventos científicos. Não obstante, constata-se, talvez especialmente no caso do Brasil, uma ampla penetração da teoria em campos disciplinares orientados para a intervenção nos problemas humanos e sociais que, com frequência, reclamam da escassez de abordagens teóricas realmente úteis aos seus propósitos. Os três gráficos que se seguem mostram de forma bastante nítida: (1) que a produção brasileira no período considerado tem uma terça parte fora do campo disciplinar exclusivo da psicologia social, comportando, ao invés disso, uma importante ocupação com a intervenção social, seja através da incursão de psicólogos sociais nessas chamadas “áreas de interface”, ou através da apropriação da teoria psicossocial das representações por parte de estudiosos de tais campos; (2) que, ao longo dos dez anos examinados, essa produção na interface da psicologia social com as demais disciplinas acadêmicas do humano e do social, básicas ou aplicadas, veio aumentando regularmente, com um breve retrocesso em 1992 e uma expressiva intensificação nos anos imediatamente seguintes; (3) que se encontra nas disciplinas aplicadas desse domínio – educação, saúde e serviço social, nessa ordem – a maior receptividade à nova abordagem da psicologia social, algo que, de resto, jamais foi conferido pela América Latina às formulações da “vertente americana” da disciplina.

Gráfico 8

**Produção Brasileira em Representações Sociais
por área de conhecimento
1988 - 1997**

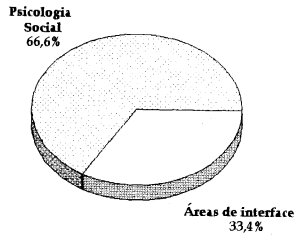


Gráfico 9

**Produção Brasileira em Representações Sociais
por área de conhecimento**

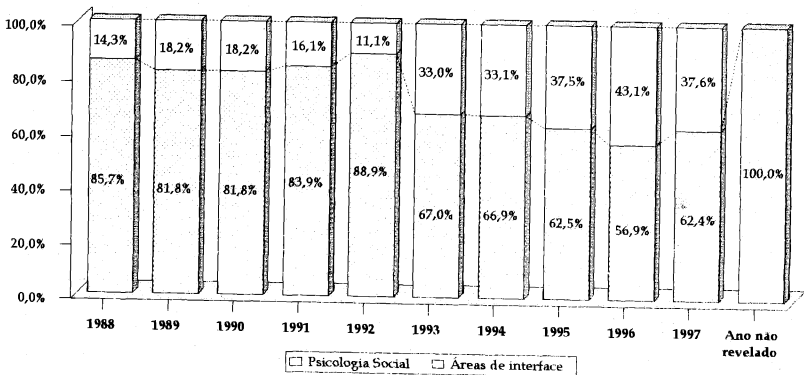
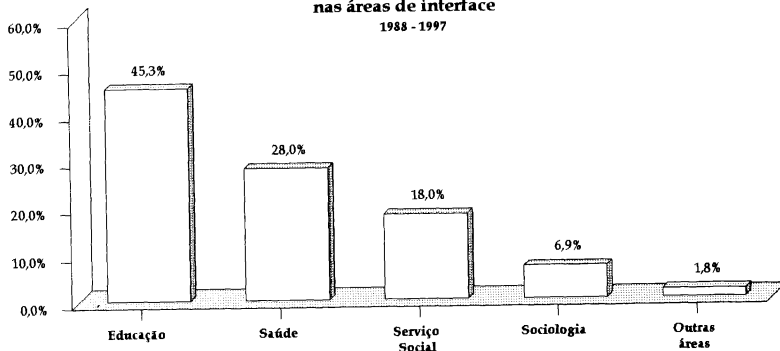


Gráfico 10

**Produção Brasileira em Representações Sociais
nas áreas de interface
1988 - 1997**



Base: Produção que articula com outras áreas.

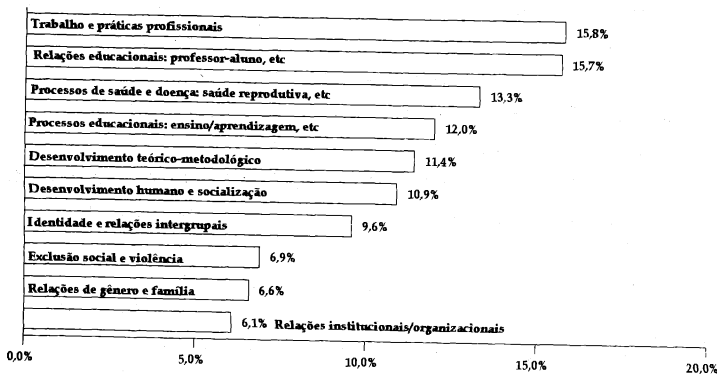
Para a análise do conteúdo substantivo da produção brasileira ao longo dos dez anos focalizados, foram estabelecidas, a partir de uma primeira leitura dos títulos e resumos, as seguintes categorias de um sistema básico de classificação temática, que comporta a possibilidade de especificação posterior de subcategorias;

- 000 Desenvolvimento teórico-metodológico
- 050 Meios e sistemas de comunicação social
- 100 Socialização do conhecimento especializado
- 150 Política e políticas públicas
- 200 Relações institucionais/organizacionais
- 250 Trabalho e práticas profissionais
- 300 Processos educacionais: ensino/aprendizagem, etc.
- 350 Relações educacionais: professor-aluno, etc.
- 400 Desenvolvimento humano e socialização
- 450 Processos de saúde de doença: AIDS e DST
- 500 Processos de saúde e doença: Doença mental
- 550 Processos de saúde e doença: Outros
- 600 Práticas e movimentos sociais
- 650 Relações de gênero e família

- 700 Ecologia e meio ambiente
- 750 Espaço urbano e comunidades
- 800 Identidade e relações intergrupais
- 850 Exclusão social e violência
- 900 Cultura popular e memória social
- 950 Outros temas / Temática não identificada

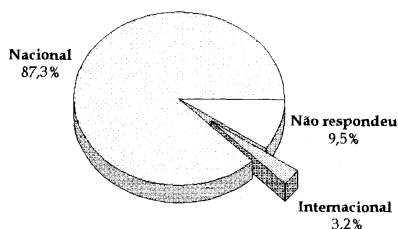
O gráfico que se segue mostra a distribuição percentual da produção pelos dez temas mais recorrentes em todas as modalidades. Pode-se observar, desde logo, o privilégio concedido ao mundo do trabalho e às práticas profissionais como um todo, do que parece legítimo inferir-se uma grande tendência por parte dos pesquisadores a localizar o “saber prático” que constitui as representações sociais nas searas mais institucionalizadas do “fazer social”. As temáticas relacionadas aos campos da educação e da saúde são as que vêm em seguida, corroborando uma constatação anterior quanto à intensidade da apropriação da teoria das representações sociais por essas disciplinas aplicadas. Somente abaixo daquelas aparecem a discussão teórico-metodológica e as questões de ordem mais basicamente psicossocial, como a socialização e a identidade social. Finalmente, as três últimas temáticas remetem para uma exploração do instrumental teórico e metodológico das representações sociais de problemas e conjunturas sociais de relevância cotidiana.

Gráfico 11
Conteúdo da produção em Representações Sociais
 - os 10 temas mais focalizados -



Concluindo, os graus relativos de destinação da produção brasileira à contribuição para o desenvolvimento do campo de estudo das representações sociais nos âmbitos nacional e internacional são mostrados nos dois gráficos que se seguem. Verifica-se que a veiculação internacional é bastante reduzida em relação à veiculação nacional, no que se refere tanto às comunicações em eventos quanto aos artigos publicados, sendo estes ainda em menor número do que aquelas. Tais resultados correspondem bem ao que entendemos aqui, acompanhando SPINK (1993), como uma fase de consolidação, em prol da qual a produção se dirige preferencialmente ao “mercado interno”.

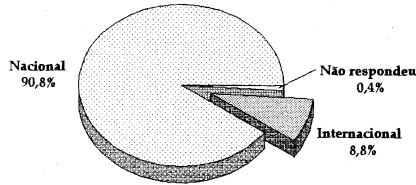
Gráfico 12
Âmbito de veiculação da modalidade
"artigo"
1988 - 1997



É a partir do final desta fase, que acreditamos coincidir com os últimos anos do período relativo ao presente levantamento, que a “escola brasileira de representações sociais” (JODELET, 1998) deverá tornar-se mais presente no cenário internacional. Esperamos que o prosseguimento do estudo possa vir a demonstrá-lo, visto que os primeiros dois anos – 1998 e 1999 – subsequentes já têm sido palco de algumas significativas contribuições internacionais por parte de autores brasileiros.

Gráfico 13

Âmbito de veiculação da modalidade
"comunicação em eventos"
1985 - 1997



Referências bibliográficas

- ANTUNES, Mitsuko Aparecida Makino. *A Psicologia no Brasil. Leitura histórica sobre sua Constituição*. São Paulo : Unimarco/EDUC, 1998.
- ARRUDA, Angela. A Psicologia Social no Nordeste nos anos 80: levantamento de dados. *Revista de Psicologia*, 5(2), 73-85. Ceará : UFC, 1987.
- BONFIM, Manuel. *A América Latina: males de origem*. Rio de Janeiro : Topbooks, 1993.
- _____. (1925). *O Brasil na América. Caracterização da formação brasileira*. Rio de Janeiro : Topbooks, 1997.
- JODELET, Denise. Représentations sociales: un domaine en expansion. In: _____ (org.). *Les Représentations sociales*. Paris : PUF, 1989.
- _____. Prefácio. In: SÁ, C. P. *A Construção do Objeto de Pesquisa em Representações Sociais*. Rio de Janeiro : EdUERJ, 1998.
- LANE, Silvia Tatiana Maurer. *O que é psicologia social*. São Paulo : Brasiliense, 1981.

- LATOUR, Bruno. *Jamais fomos modernos. Ensaio de antropologia simétrica*. Rio de Janeiro : Editora 34, 1994.
- LEITE, Dante Moreira. (1954). *O caráter nacional brasileiro: história de uma ideologia*. São Paulo : Pioneira, 1969.
- MOSCOVICI, Serge. Prefácio. In: JOVCHELOVICH, S. y GUARESCHI, P. (org.). *Textos em Representações Sociais*. Petrópolis : Vozes, 1994.
- OZELLA, S. Encontro de Maringá: o ensino da psicologia social no Estado de São Paulo. In: *Psicologia e Sociedade*, ABRAPSO, 1(1), 1986:20-27.
- ROCHA, Maria Isabel Antunes & SILVA, Lourdes Helena da. Da autopercepção às representações sociais: a trajetória histórica da investigação das formas de pensar, sentir e agir sobre a prática educacional. *Relatório de Pesquisa*. Faculdade de Educação/UFMG e Programa de Pós-Graduação em Psicologia Educacional/PUC-SP, 1997.
- SÁ, Celso Pereira de. Representações sociais: modismo ou teoria consistente. *Psicologia e Sociedade*. ABRAPSO, 10, p. 45-49, 1992.
- SPINK, Mary Jane. Apresentação. In: _____. (Org.). *O conhecimento no cotidiano - as representações sociais na perspectiva da psicologia social*. São Paulo : Brasiliense, 1993.